

## Ocorrência de Tenossinovite em Equinos de Vaquejada no Estado do Piauí

*Yatta Linhares Boakari (Voluntária ICV/UFPI); Antonio Bruno Guimarães Leal (Colaborador- UFPI); Ana Luisa Alves Marques (Colaboradora- UFPI); Mônica Arrivabene (Orientadora, Depto. de Clínica e Cirurgia Veterinária, CCA – UFPI).*

**Introdução:** O equino é utilizado em muitos tipos de trabalhos e para que tenham um bom desempenho é preciso que o seu aparelho locomotor esteja em bom estado de funcionamento (MARANHÃO et al. 2006). As atividades físicas as quais os equinos são submetidos são intensas e estressantes, gerando forças mecânicas que predispõem às afecções do aparelho locomotor (MELO et al, 2006).

A vaquejada é um esporte que surgiu a partir do trabalho realizado por vaqueiros Nordestinos com o gado. Esta prática transformou-se em um esporte inicialmente só para lazer, e que hoje foi profissionalizado (BARBOSA, 2006). Tem uma enorme importância econômica e cultural no Nordeste, sendo que dos esportes que utilizam equinos este é o mais praticado na região (MELO et. al., 2003).

Atualmente, os cavalos usados na vaquejada são verdadeiros atletas (BARBOSA, 2006), para que consigam exercer plenamente seu potencial é imprescindível que o seu aparelho locomotor esteja em boas condições de funcionamento (MELO et. al., 2003).

Dentre as patologias que acometem o sistema locomotor dos equinos destaca-se a tenossinovite, que é uma inflamação da membrana sinovial da bainha tendínea, com a camada fibrosa da bainha geralmente envolvida (KAHN, 2008). As bainhas tendíneas são sacos fechados revestidos por membrana sinovial que secretam líquido sinovial (BARNABÉ et al, 2004). Na tenossinovite existe uma secreção exagerada de líquido sinovial, geralmente devido a trabalhos exagerados e exercícios inadequados, embora sua patogênese exata não seja conhecida (KAHN, 2008; THOMASSIAN, 2005). Portanto há uma distensão da bainha tendínea pela efusão sinovial (OLIVEIRA, 2008; KAHN, 2008). A tenossinovite geralmente não resulta em calor, dor ou claudicação (KAHN, 2008).

Esta patologia pode ser de quatro tipos: tenossinovite idiopática, aguda, crônica e séptica. Estas variam quanto à sintomatologia, indo desde a ocorrência de dor, calor e claudicação até a ausência destes sintomas (STASHAK, 2006). As principais formas de tratamento incluem compressas frias, drogas antiinflamatórias não esteroidais e repouso (KAHN, 2008). O prognóstico de recuperação é pobre ou reservado, a menos que o tratamento seja iniciado precocemente e a resposta ao mesmo favorável (BARNABÉ, et al 2004 ).

O exame empregado para detectar a presença de tenossinovite nos membros dos eqüinos de vaquejada consiste, entre outras coisas, em anamnese, inspeção em repouso e palpação completa do aparelho locomotor (MARANHÃO, et al. 2006). O diagnóstico de tenossinovite vai ser positivo quando houver uma efusão na bainha tendínea juntamente com sintomas inflamatórios agudos (OLIVEIRA, 2008).

No caso da forma aguda deve-se deixar o animal em repouso e usar hidroterapia fria ou bolsas de gelo (OLIVEIRA, 2008) além de antiinflamatórios sistêmicos ou locais, como a fenilbutazona e dimetilsulfóxido. Outra forma de tratamento é com uma suspensão do fluido e injeção

de ácido hialurônico ou corticosteróide de duração prolongada (KAHN, 2008). Nas tenossinovites crônicas não se obtêm resultados eficazes com os tratamentos de rotina, portanto são indicadas a cauterização ou a causticação (OLIVEIRA, 2008).

**Metodologia:** Foram utilizados 61 equinos, de ambos os sexos, do Piauí em treinamento para vaquejada. Os cavalos foram selecionados em um delineamento inteiramente casualizado. A identificação da patologia foi realizada por exame do aparelho locomotor com anamnese, exame visual e palpação dos membros. Foi observada a presença de aumento de volume, dor na região e/ou aumento de temperatura. Os animais que apresentaram aumento de volume flutuante em pelo menos uma das articulações de um dos membros foram considerados como positivos. Foi aplicado o teste qui-quadrado nas análises estatísticas.

**Resultados e Discussão:** Os animais apresentaram uma média de 7,94 anos de idade; 442,85 quilos de peso corporal; competem em uma média de 2,20 vaquejadas por mês e treinam uma média de 3,68 horas por semana.

Um total de 85,3% dos eqüinos (Figura 1 e 2) apresentou tenossinovite em alguma das articulações estudadas. Isto corroborou com Maranhão et al. (2006) que achou que isoladamente a tenossinovite nas bainhas dos tendões flexores foi a afecção que ocorreu com maior freqüência em equídeos de tração.



Figura 1: Macho, com tenossinovite na articulação társica, no membro posterior esquerdo.



Figura 2: Fêmea, tenossinovite na articulação metacarpofalângica, membro anterior esquerdo.

Apesar da alta porcentagem de animais positivos, nenhum apresentou claudicação em decorrência da tenossinovite. Concordando com Boakari et al. (2009) que encontraram que dos equídeos examinados, todos que apresentaram tenossinovite não claudicavam.

Observou-se uma diferença estatisticamente significativa entre o sexo dos eqüinos analisados em relação à presença ou não de tenossinovite, com 63,93% dos machos sendo positivos. Esse maior resultado para machos também foi relatado por Maranhão (2008), pois há uma preferência em utilizar machos em competições. Já que acreditam que o manejo das fêmeas, especialmente quando estão no estro, é difícil (BOAKARI et al., 2009).

Houve diferença estatisticamente significativa entre tenossinovite nos membros torácicos e pélvicos, sendo acometidos 16,39% dos membros anteriores e 36,89% dos membros posteriores. A maior ocorrência da enfermidade nos membros pélvicos pode estar relacionada a estes serem a fonte da força de propulsão e parada dos equinos, o que poderia expor as bainhas tendíneas a traumas

(STASHAK, 2006). Esses dados condizem com os resultados encontrados por MARANHÃO et al. (2006), por Boakari et al. (2009) e por Maranhão (2008).

Em relação às seguintes variáveis não houve diferença estatisticamente significativa: posição em que o animal corre; o peso; a idade; o número de vaquejadas em que o animal compete durante o mês; as horas de treinamento por semana; a articulação, posição em que animal corre e presença de tenossinovite; o antímero, o membro anterior, a posição em que o animal corre e presença de tenossinovite; o antímero, o membro posterior, a posição em que o animal corre e presença de tenossinovite.

**Conclusão:** Com estes resultados fica evidente a alta ocorrência de tenossinovite em equinos que praticam vaquejada. Sendo os machos mais acometidos e ocorrendo mais frequentemente nos membros pélvicos.

#### **Referências Bibliográficas:**

BARBOSA, Eriosvaldo Lima. **Valeu boi! O negócio da vaquejada**. Teresina: EDUFPI, 2006. 139p.

BARNABÉ, P. A. et al. Anatomofisiologia da bainha tendínea sinovial digital dos equinos. **Ciência Rural Santa Maria**, v34, n2, p.619-623, mar - abr. 2004.

BOAKARI, Y. L.; ARRIVABENE, M.; SANTOS, C. M.; CAVALCANTE, T. V.; PESSOA, D. F. M.; LOPES, M. C. T.; OLIVEIRA, M. S., ALVES, V. C. Ocorrência de tenossinovite em equinos de vaquejada no município de Teresina, PI, Brasil. In: 36º Congresso Brasileiro de Medicina Veterinária, 2009, Porto seguro. **Anais do 36º CONBRAVET**, 2009.

KAHN, C. M., **Manual Merck de Veterinária**. 9. ed. São Paulo: Roca, 2008.

MARANHÃO, R. P. A. Avaliação biométrica do equilíbrio podal de eqüídeos de tração no município de Belo Horizonte. **Ciência Animal Brasileira**, v. 8, n. 2, p. 297-305, abr./jun. 2008.

MARANHÃO, R. P. A., PALHARES, M. S., MELO, U. P., REZENDE, H. H. C., BRAGA, C. E., SILVA, J. M. F., VASCONCELOS, M. N. F. Afecções mais freqüentes do aparelho locomotor dos eqüídeos de tração no município de Belo Horizonte. **Arq. Bras. Med. Vet. Zootec.**, v. 58, n. 1, p. 21-27, 2006.

MELO, Ubiratan Pereira de. Mensuração do ângulo e comprimento da pinça do casco em cavalos submetidos a prova de vaquejada. **Revista Universidade Rural- Série Ciências da Vida**, v. 23, n. 1, p. 201-202, suplemento 2003.

OLIVEIRA, C. E. F. **Afecções locomotoras traumáticas em equinos (*Equus caballus*, *LINNAEUS*, 1758) de vaquejada atendidos no Hospital Veterinário – Universidade Federal de Campina, Patos – PV**. Monografia para graduação em Medicina Veterinária, 2008.

STASHAK, T. S. **Claudicação em equinos segundo Adams**. 5. ed. São Paulo: Roca, 2006.

THOMASSIAN, A. **Enfermidades dos cavalos**. 4. ed. São Paulo: Livraria Varela, 2005.

**Palavras chave:** Sistema locomotor. Bainhas tendíneas. Líquido sinovial.